

A vontade de potência como elemento determinante dos valores morais¹

The will to power as determining element of the moral values

ALMIR JOSÉ WEINFORTNER²

Resumo: Neste texto, se tratará da filosofia de Friedrich Nietzsche e sua visão radical sobre a transformação do pensamento em relação à vida, moral e cultura. Nietzsche, desafia concepções convencionais e busca uma mudança profunda no modo como compreendemos a moralidade. Sua filosofia é marcada pela paixão e complexidade, refletindo a estagnação da sociedade em um padrão moral restrito e na valorização excessiva da razão. Nietzsche argumenta que a "vontade de potência" é o critério fundamental para avaliar a vida e os valores humanos, questionando a ideia de que os instintos devem ser reprimidos em prol da moralidade. Sua abordagem evolui ao longo de suas obras, passando de concepções idealistas e metafísicas para uma perspectiva científica e crítica que desmascara as ilusões da religião, metafísica, arte e moral. Nietzsche denuncia a tirania da moral tradicional, destacando como ela suprime a natureza humana.

Palavras-chave: Moral. Vontade de potência. Transformação. Filosofia.

Abstract: In this text, we will address Friedrich Nietzsche's philosophy and his radical vision regarding the transformation of thought concerning life, morality, and culture. Nietzsche challenges conventional notions and seeks a profound change in how we understand morality. His philosophy is characterized by passion and complexity, reflecting society's stagnation in a narrow moral framework and an excessive emphasis on reason. Nietzsche argues that the "will to power" is the fundamental criterion for assessing life and human values, questioning the idea that instincts should be repressed in favor of morality. His approach evolves throughout his works, shifting from idealistic and metaphysical conceptions to a scientific and critical perspective that unveils the illusions of religion, metaphysics, art, and morality. Nietzsche denounces the tyranny of traditional morality, highlighting how it suppresses human nature.

Keywords: Morality. Will to power. Transformation. Philosophy.

Introdução

¹ Texto apresentado como comunicação no I encontro de Grupos PET-Filosofia do Paraná (maio/97), realizado na UNIOESTE - Campus de Toledo.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduação em Filosofia, com Licenciatura em Filosofia e História, e Especialização em Ética e Política pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso do Sul (IFMS). Foi professor da UNIOESTE (1997-1999), Universidade Paranaense, UNIPAR (2002-2008), SEED-PR (1998-2007-2011), UNIMEO (2008-2011), Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2008-2010). Ex-petiano do Grupo PET-FILOSOFIA da UNIOESTE-Campus de Toledo. E-mail: almir.weinfortner@ifms.edu.br

Pensar em Nietzsche é pensar numa transformação: não em qualquer transformação, mas numa mudança radical no modo de pensar a vida, a moral, a cultura, a filosofia.... “Não sou homem, sou dinamite”, já dizia ele no *Ecce Homo*.

Sua filosofia seduz, seu estilo encanta, suas palavras ferem os vestígios de “decadência” e “vontade fraca” que insistem em permanecer em “nosso coração”. Mas junto com a paixão que a filosofia de Nietzsche provoca segue a complexidade. A “dificuldade” de seu pensamento talvez seja consequência da estagnação em que nos encontramos: presos a uma forma determinada de conceber as relações humanas, preferimos sermos bons, controlar os nossos instintos - em uma palavra: agir *moralmente*. Nesta fase de desenvolvimento da humanidade, buscamos no culto exacerbado da razão a “tábua da salvação”. Só através dele é que poderemos nos salvar, tornar-nos bons, tornar-nos morais... Os instintos devem ser desprezados - nos aproximam dos animais, são sinais de primitividade...

A filosofia de Nietzsche clama pela vida. Já dizia ele em *Para além de bem e mal*: “sempre escrevi minhas obras com todo o meu corpo e minha vida: ignoro o que sejam problemas “puramente espirituais”. Talvez seja isso o que, em grande medida, falte a nossas academias - perdidos entre idealismos, pragmatismos e semanticismos, não sabemos que rumo tomar, nos sentimos perdidos entre rajadas de “seriedade filosófica”. Prudentes seríamos se seguíssemos o conselho de Zaratustra: “canonizei o riso; homens superiores aprendei, pois, a rir”.

A tarefa genealógica que Nietzsche desenvolve tem especificidades em relação à atividade dos filósofos morais: busca a origem e os determinantes de nossos preconceitos morais - qual é o ponto de partida, o pano-de-fundo dos valores humanos? São valores em si ou valores que, não só carregam intencionalidade, mas são a expressão da mesma?

Para Nietzsche, tudo o que o homem cria é “humano, demasiado humano!”. O objetivo principal deste texto é mostrar como Nietzsche estabelece, em sua genealogia, o critério último de avaliação - o qual não pode ser avaliado-: *a vida*, a vida concebida como *vontade de potência*. É a partir daí que todos os valores são criados, é a partir daí que a vida é avaliada...

O próprio Nietzsche reconhece a dificuldade de suas obras. Quanto ao seu Zaratustra, adverte: “não pode se gabar de conhecê-lo quem já não tenha sido

profundamente ferido e profundamente encantado por cada palavra sua: só então poderá fruir o privilégio de participar, reverentemente, do elemento alciônico do qual se originou aquela obra, da sua luminosa claridade, distância, amplitude e certeza.”³ Uma das principais dificuldades de sua obra é a forma aforística da qual se usa. Segundo ele, depois de uma leitura de um aforisma, deve ter início sua interpretação, a qual deve se constituir numa arte. Para praticar este tipo de leitura como arte, “é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o ruminar...”⁴

Com certeza, a leitura de sua obra é uma tarefa que deve ser realizada sem pressa - “ela exige paciência...” O próprio Nietzsche compara seu trabalho a “uma arte que tem para executar apenas trabalho sutil e cauteloso e que não chega a lado algum se não for lentamente”. Esta arte ensina a ler convenientemente, quer dizer: “lentamente, profundamente, olhando com prudência para trás e para diante de si, com pensamentos ocultos, com as portas abertas, com os dedos e os olhos sutis...” E arremata: “...aprendei a ler-me convenientemente!”⁵

Antes de entrar na questão central do texto - a questão dos valores morais -, que é desenvolvida principalmente na *Genealogia da Moral*, mas também em sua obra póstuma *A Vontade de Potência*⁶, gostaria de mostrar alguns aspectos da mudança do pensamento de Nietzsche, principalmente após sua primeira obra, *A origem da Tragédia*, com a qual ele rompe bruscamente em *Humano, Demasiado Humano*.

A obra *Humano, Demasiado Humano* abre o segundo período do pensamento filosófico de Nietzsche. Este período é marcado por características que o distingue das suas obras iniciais, entre elas *O Nascimento da Tragédia*. Mais “maduro”, rompe definitivamente com Wagner e Schopenhauer. *Humano, Demasiado Humano*

³ GM - Prefácio, p. 16.

⁴ GM, p. 17.

⁵ Cf. A - Prefácio, p. 11.

⁶ É bom considerar que praticamente toda a obra de Nietzsche trata da questão moral.

significa para Nietzsche O “testemunho de uma crise”.⁷ Essa crise representa “uma libertação para si próprio, a ruptura dos laços da veneração que o tinham prendido demasiado tempo e que lhe haviam obstruído o olhar para a missão inseparável e intransmissível da sua vida.”⁸

Com *Humano, Demasiado Humano*, o homem torna-se o centro a partir do qual todo o existente é interpretado. Seu conceito de vida também toma novos rumos: ela já não é entendida metafísica ou misticamente como a essência que está por trás das aparições, mas sim como a vida do homem e, a partir daí, como conceito biológico. A luta de Nietzsche é contra a ideia de um “em si” que está por trás das coisas aparentes; por isso, passa a rejeitar a distinção entre a coisa em si e a aparição. É aqui que se centra o seu combate.

Buscando combater a duplicação idealista do mundo, Nietzsche proclama a primazia da ciência; e é a partir dela que vai procurar dissipar as ilusões da religião, da metafísica, da arte, da moral e da cultura. A pesquisa científica se caracteriza como sendo analítica e histórica, pois o homem não pode ser tomado isoladamente, visto que é um produto de circunstâncias históricas, costumes, religiões...

“Ciência”, para Nietzsche, significa essencialmente *crítica*. Através dela, Nietzsche quer comprovar o caráter ilusório daquelas condutas consideradas até então como *acessos originais e verdadeiros para a vida do mundo* - e isso o faz através do esclarecimento psicológico da motivação da ilusão.

O veículo de seu pensamento é uma psicologia, destrutiva, desmascaradora, que considera os sentimentos sublimes da humanidade como “superior embuste” - como “idealismo”, daí, que o livro é a expressão de uma recusa radical e cortante a qualquer forma de idealismo: “onde vós vedes coisas ideais, vejo eu coisas humanas, apenas coisas demasiadamente humanas”, pois “vemos todas as coisas com a cabeça de um humano e não podemos decepá-la”.

Este filósofo faz sutis *radiografias psicológicas* da necessidade metafísica de consolação, mostrando como por detrás de todos os conceitos da metafísica se encontram necessidades e anseios humanos. O mesmo acontece com a religião:

⁷ Cf. *Ecce Homo* (EH).

⁸ FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1988. p. 46.

todas nasceram da angústia e da necessidade, introduziram-se na existência por caminhos errados da razão. “Apenas enquanto o homem não se conhecer bem, enquanto for estranho a si próprio, pode haver metafísica e religião. A partir do momento em que a psicologia permite conhecermos-nos a nós próprios dissipam-se os fantasmas.”⁹

Neste momento de seu pensamento, Nietzsche encarna a figura do espírito livre”. O saber crítico ataca a própria vida, procurando destruir sua segurança, seu deslumbramento ilusório. O “espírito livre”¹⁰ não se aproxima do espírito iluminista, da fé cega na razão. Ele desconfia do que nunca se desconfiou;¹¹ repudia aquilo que normalmente se considera importante.

O “espírito livre” é uma figura em transição. Em *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche consumou a libertação interior, o que significou uma guinada do seu pensamento. Desmascara todo o idealismo e descobre que todas as tentativas do homem de ultrapassar-se são “coisas humanas, demasiadamente humanas!”

Em *Para além de bem e mal*, Nietzsche denuncia uma falsa interpretação moral¹²: preocupados com a exigência de *fundamentação* da moral, e crentes no sucesso da mesma, os filósofos morais deixaram de lado uma tarefa que Nietzsche considera fundamental para quem se dedica a esta empresa: descrever a moral. Já em *Humano, Demasiado Humano*, ele indicava a importância de se levar em consideração o estudo da história: daí, a necessidade do conhecimento dos povos, tempos e épocas passadas. Os filósofos morais ficaram presos à uma ideia bastante restrita da moral, ao fato moral grosseiro, como, por exemplo, à moralidade do seu meio ambiente, classe, religião, espírito da época, clima e região; este é o motivo por que “não chegaram sequer a vislumbrar os verdadeiros problemas da moral: - que, todos eles, apenas aparecem quando se comparam *muitas* morais.”¹³

⁹ E. Fink, *op. cit.*, p. 92.

¹⁰ Cf. E. Fink, *op. cit.*, p. 54.

¹¹ Cf. *A Gaia Ciência* (GC), 8345, p. 214 [Os Pensadores]

¹² *Para além de bem e mal* (BM), Cap. V - “Contribuição para uma história natural da moral”. [Ed. Guimarães]

¹³ BM, §186, p. 98.

Aliás, outra coisa que faltou na “ciência moral” é o “problema da própria moral”: sequer tem existido a suspeita de que nela pudesse ter algo de problemático. A chamada “fundamentação da moral” não foi nada mais do que “uma forma erudita de cãndida *crença* na moral dominante, mais um meio de lhe dar expressão.”¹⁴

Nietzsche considera toda moral uma espécie de tirania contra a “natureza” e também contra a “razão” - o essencial de toda moral é ser uma longa imposição.¹⁵ É o que se pode falar, por exemplo, do imperativo categórico kantiano, representante de um tipo de moral considerado como “moral da obediência”: “o que há de respeitável em mim é o fato de eu poder obedecer, - é convosco *deve* passar-se precisamente o mesmo que comigo!”¹⁶

O problema entre instinto e razão, qual dos dois seda mais autoridade, apareceu com Sócrates - este se colocou ao lado da razão. Segundo Nietzsche, Sócrates a vida inteira riu dos aristocratas atenienses por serem homens de instintos (como todos os aristocratas) e serem incapazes de justificarem os motivos da sua conduta. Logo depois, Platão quis persuadir-se de que “a razão e o instinto se dirigem espontaneamente para *uma única* meta, o bem, 'Deus'; e desde Platão todos os teólogos e filósofos trilham o mesmo caminho...”¹⁷

O golpe mais duro contra a vontade forte na moral, foi dado posteriormente pelos judeus: realizaram uma inversão dos valores - seus profetas fundiram “rico”, “ímpio”, “mau”, “violento”, “sensual” numa só palavra. É aqui que está a importância do povo judeu: “com ele começa a *rebelião dos escravos na moral.*”¹⁸ A partir de então passou a vigorar a “moral do rebanho”. A lógica dessa moral é condenar e difamar os instintos mais elevados e sublimes dos indivíduos, aqueles que os fazem ultrapassar a mediania e a baixeza da consciência do rebanho, que aniquilam a noção da dignidade própria da comunidade, quebrando-lhe a fé em si própria,

¹⁴ BM, §186, p. 98.

¹⁵ Cf. BM, cap. V, 8188.

¹⁶ BM, p. 99.

¹⁷ BM, p. 104.

¹⁸ BM, p. 109.

despedaçando-lhe a sua espinha dorsal.¹⁹ Enquanto que a espiritualidade superior é independente, a vontade de solidão, a grande razão são consideradas como perigosas e aquilo que eleva o indivíduo acima do rebanho e amedronta o próximo, chama-se mau, a mentalidade tolerante, modesta, submissa, igualitária, a mediocridade dos desejos recebem “nome e honras morais”.

A filosofia de Nietzsche expressa o repúdio que sente por esse tipo de moral - a “moral dos fracos”. Sua intenção é minar a confiança na mesma, problematizá-la. A moral se assemelha à autoridade: diante dela não *devemos* pensar, não devemos levantar a voz, apenas obedecer. “Mas a moral não dispõe apenas de um amplo arsenal de meios de intimidação para escapar à crítica e aos seus instrumentos de tortura; a sua segurança assenta ainda mais numa certa arte de sedução que possui - ela sabe 'entusiasmar'.”²⁰ A moral se usa da arte da persuasão, é a maior mestra da sedução.

Nietzsche considera que todos os filósofos construíram seus sistemas seduzidos pela moral;²¹ toda filosofia depende da moral; toda filosofia é contaminada pelos seus sinais de fraqueza e decadência. Sinais estes plantados no seio da filosofia pela figura de Sócrates - depois dele todos os filósofos passam a ser filósofos da moral. A moral é o próprio móvel da filosofia - por trás de cada filósofo existem intenções morais. Nietzsche quer mostrar que o critério último de julgamento da moral é a *vida*.

É importante considerar que a análise nietzscheana da moral não é propriamente uma reflexão moral. Nietzsche se propõe fazer algo que antes dele não foi realizado: “pensar a moral sem depender de seus pressupostos, sem continuar escravo de seus preconceitos.”²² “Pensamentos sobre preconceitos morais”, caso não devam ser preconceitos sobre preconceitos, pressupõem uma posição *fora* da moral,

¹⁹ Cf. BM, §201.

²⁰ *Aurora* (A), p. 6 [Ed. Rés].

²¹ Cf. A, Prefácio.

²² MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 61.

algum além de bem e mal, ao qual é preciso subir, galgar, voar...”²³ Esse para além da moral é a vida considerada como instinto, como força - como *vontade de potência*.

Só podemos revelar o significado da moral, suas reais dimensões se a tomarmos por aquilo que ela é: a *linguagem simbólica das paixões*.”²⁴ No fundo, os valores morais são valores vitais. E é essa relação intrínseca entre moral e vida que torna possível o projeto de uma genealogia da moral.

Nietzsche não se preocupa em saber se os juízos de valor sobre a vida são verdadeiros ou falsos, pois, sendo a vida o fundamento da criação de valores, ela não pode ser julgada, seu valor não pode ser taxado - é o que Nietzsche confirma em *Crepúsculo dos Ídolos*: “juízos, juízos de valor sobre a vida, pró ou contra, nunca podem, em definitivo, ser verdadeiros: só têm valor como sintomas, só como sintomas entram em consideração... o valor da vida não pode ser avaliado.”²⁵ Todo juízo de valor depende e varia de acordo com as condições da vida; pois, “pressuposto que se é uma pessoa, tem-se também, necessariamente, a filosofia de sua pessoa...”²⁶

Uma das tarefas essenciais da filosofia de Nietzsche, a qual ele considera ter sido o primeiro a realizar, é mostrar o problema da moral, e fazer uma crítica radical à mesma - “... e como é que ainda não encontrei ninguém, nem mesmo em livros, que tivesse diante da moral essa posição pessoal, que conhecesse a moral como problema e esse problema como sua pessoal desgraça, tormento, volúpia, paixão?”²⁷ O projeto genealógico de Nietzsche “é uma tentativa de superação da metafísica através de uma história descontínua dos valores morais que investiga tanto a origem quanto o valor desses valores.”²⁸

Ligando a filosofia à história, Nietzsche quer com sua genealogia denunciar uma filosofia metafísica e moral. A importância da história para Nietzsche está em que ela ajuda a desmistificar valores eternos: todos os valores são apenas históricos,

²³ A *Gaia Ciência* (GC), 838, p. 222 [Os pensadores].

²⁴ Cf. BM, §187.

²⁵ O *Crepúsculo dos Ídolos* (CI), “O problema de Sócrates”, 82 [Os pensadores].

²⁶ GC, §2, p. 189 [Os Pensadores].

²⁷ GC, §345, p. 214.

²⁸ R. Machado, *op. cit.*, p. 65.

não têm uma existência em si - são apenas interpretações introduzidas pelo homem no mundo. Segundo Nietzsche, “nós criamos o mundo que interessa ao homem!”²⁹ Ocorre o mesmo com os valores morais: *não existem fatos morais, fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral. Não só uma interpretação moral, mas uma falsa interpretação moral*; ou seja, ela não é fundamentalmente moral - ela é *imoral* ou de origem extramoral. A moral é um sintoma que só pode ser compreendido remetendo-se ao nível fisiológico - que é o nível da vida e suas forças, o nível da *vontade de potência*. Nietzsche afirma uma incompatibilidade entre a moral e a vida e proclama que é preciso destruir a moral para libertar a vida. O problema da *Genealogia da Moral*, Nietzsche o formula assim: *de onde se originou verdadeiramente nosso bem e nosso mal? Como surgiram os juízos de “bom” e “mau”? Que valor têm eles? Foram fontes de crescimento ou empobrecimento da vida?*³⁰

A tese fundamental de Nietzsche é que existe uma dupla origem dos valores morais e uma oposição histórica irreduzível entre dois tipos fundamentais de moral: a “moral dos senhores” e a “moral dos escravos”.³¹

A “moral aristocrática” considera o bom e mau como valores imanentes à vida; é a moral dos modos de ser das forças vitais que definem o homem por sua potência. Já a “moral plebeia” é um sistema de juízos em termos de bem e de mal, cuja referência é feita a valores transcendentais ou transcendentes. Ambas fazem consideração à existência humana, só que uma positivamente e outra negativamente, não porque uma seja mais verdadeira que a outra, mas porque uma é signo de plenitude de vida e a outra de declínio.

O objetivo fundamental da *Genealogia da Moral* é *realizar uma crítica radical dos valores morais dominantes na sociedade moderna*. Nietzsche quer mostrar que não existe uma relação necessária entre o bom e as ações “não-egoístas”. É a partir da ética aristocrática que faz esta crítica. Na Grécia arcaica Nietzsche vai buscar o modelo, cujos valores aristocráticos levaram aquela civilização ao apogeu. A

²⁹ GC, §301, p. 197 [Ed. Hemus].

³⁰ Cf. GM, 83.

³¹ Cf. BM, §260.

decadência deste apogeu teve início com a filosofia socrático-platônica, a qual estabeleceu uma ruptura entre o trágico e o racional. Esta decadência pode ser comparada a que a religião judaico-cristão instituiu ao estabelecer a ruptura entre ética e moral. Esta moral transformou o “homem-fera” em animal doméstico, uma ave de rapina em cordeiro.”³² Esta decadência significou um enfraquecimento do homem, o triunfo das forças reativas sobre as forças ativas - “é a decomposição das forças ativas, a subtração da força dos fortes que fez com que os próprios fortes assumissem os valores dos fracos.”³³

A moral aristocrática é afirmativa, é o resultado de um *sim* a si mesmo; nobre, bom ou forte é aquele que determina seus próprios valores. “O tipo aristocrático de homem sente-se a *si próprio* como determinador de valores, não necessita que o aprovem, opina que 'o que é prejudicial para mim, é prejudicial em si”, sabe que é só ele quem confere honra às coisas, quem é *criador de valores*.”³⁴ Os aristocratas se consideram bons, seus atos são bons: os maus não interferem na autoposição de valores. Para o aristocrata, a atividade é livre, criadora e alegre - atividade e felicidade estão intrinsecamente ligadas. Já a moral dos escravos considera a felicidade como negativa e reativa: procura negar os valores aristocráticos; é a partir dessa negação que são instaurados valores. Por isso, sua ação não é nada mais do que uma reação.

Nietzsche estabelece a equação dos valores aristocráticos de tal forma: bom=nobre=belo=feliz=amado dos deuses. A moral judaica inverteu totalmente esses valores, afirmando que bons são apenas os miseráveis, pobres, necessitados, impotentes, baixos, sofredores... e que os nobres e poderosos são malvados,

³² "Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de levarem as ovelhinhas (...) - exigir da força que *não* se expresse como força, (...) é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse na força." (GM, L p. 43 [Ed. Brasiliense])

³³ R. Machado, *op. cit.*, p. 70.

³⁴ BM, §260, p. 199 Ed. (Guimarães).

cruéis...³⁵ Desta forma, a moral judaico-cristã é a expressão do ódio contra a vida - o ódio dos impotentes - é a moral do niilismo.”³⁶

Na *Genealogia da Moral* Nietzsche define esse tipo de niilismo a partir de três figuras principais: o *ressentimento*, a *má-consciência* e o *ideal ascético*.

O *ressentimento*³⁷ é o “predomínio das forças reativas sobre as forças ativas”. E considerando que o ressentido age só por vingança, por ódio, Nietzsche afirma que é preciso proteger os fortes contra os fracos.³⁸ “Criando um inimigo que considera malvado e imaginando uma vingança contra seus valores o que faz o ressentido é dar sentido a sua falta de força: o outro é sempre culpado do que ele não pode, do que ele não é”.³⁹ É dessa forma que ele se imagina como bom. Os aristocratas se auto posicionam como bons e também seus inimigos consideram bons. Consideram mau aquilo que é comum, o desprezível.⁴⁰

A *má-consciência* tem para Nietzsche uma dupla origem. À primeira é a transformação do tipo ativo em culpado⁴¹ que se deu com o nascimento do Estado, “a mudança mais profunda que se produziu na humanidade”.⁴² Nietzsche desenvolve a argumentação da origem da má-consciência através da relação entre instinto e consciência. A ideia central pode ser colocada da seguinte forma:

a força coercitiva, repressora do Estado - uma tirania terrível - abatendo-se sobre uma população nômade, selvagem, livre, desvalorizou abruptamente os instintos - instintos de liberdade, reguladores da vida, inconscientemente infalíveis - reduzindo esses “semi-animais” ao pensamento, à consciência, “a seu órgão mais miserável e mais sujeito ao erro”.⁴³ Impossibilitados de agir no exterior, esses instintos fundamentais, que Nietzsche assimila à

³⁵ Cf. GM, L §7; BM, §195.

³⁶ Cf. BM, §260; R. Machado, *op. cit.*, p. 72.

³⁷ Cf. GM, I, §10, §11, §13; II, §11.

³⁸ Cf. GM, III, §14.

³⁹ R. Machado, *op. cit.*, p. 3.

⁴⁰ Cf. HH, I, §45, §21.

⁴¹ Cf. GM, II, §16, §17, §18.

⁴² Cf. GM, II, §17.

⁴³ Cf. GM, II, §16.

vontade de potência,⁴⁴ inverteram sua direção, voltaram-se para dentro, para o interior, ou melhor, criaram a interioridade. A interiorização do homem se produz quando os instintos mais potentes, não podendo se expandir por causa de uma forte repressão social, voltam sua força contra o próprio indivíduo. É a interiorização desta força ativa, da vontade de potência que cria a má-consciência.”⁴⁵

Confirma Nietzsche: “esse *instinto de liberdade* tornado latente à força - já compreendemos - esse instinto de liberdade reprimido, recuado, encarnado no íntimo, por fim capaz de desafogar-se somente em si mesmo: isto, apenas isto, foi em seus começos, *a má-consciência*.”⁴⁶

O primeiro modo de surgimento da má-consciência é a transformação do ressentido em culpado realizada pelo padre ascético.”⁴⁷ O papel do padre é livrar seu rebanho do ressentimento. O ressentido é alguém que continuamente está procurando um culpado para seu sofrimento para descarregar seu ódio, “distrair a dor pela paixão”. É o padre que lhe diz quem é o culpado: o culpado é o próprio ressentido. O ressentido procurava um culpado, e descobre que é ele mesmo. É o padre que muda a direção do ressentimento. A má-consciência é o ressentimento voltado contra si próprio. Nasce assim, segundo essa “psicologia do padre”, o pecado.⁴⁸

A terceira forma do niilismo é o *ideal ascético*. A característica principal deste ideal é considerar a vida um erro, negá-la e fazer dela uma ponte para outra vida, a vida verdadeira. É a invenção de um outro mundo para explicar o cansaço da vida que impera na moral, na religião, na filosofia; é uma atitude de “calúnia suprema” da vida, que é afirmada a partir da suposição de uma outra vida, de um mundo além, de um mundo suprassensível. O ideal ascético, junto com o ressentimento e a má-consciência, constituem o sistema de organização do tipo de moral judaico-cristã; moral está caracterizada como caluniadora e envenenadora da vida. Seu niilismo, sua vontade de nada (“instintos de decadência”) dominam a vontade de viver, os

⁴⁴ Cf. GM, II, §18,

⁴⁵ R. Machado; *op. cit.*, p. 74.

⁴⁶ GM, II, §17, p. 93.

⁴⁷ Cf. GM, III, §15, §16.

⁴⁸ Cf. GM, III, §15, §16.

“instintos de expansão”. O desejo de nada tem mais valor que o querer-viver; logo, esta vida é sem valor. O niilismo desta moral exprime uma vontade de nada, isto é, uma vontade não de afirmar, mas de negar, de depreciar a vida, possibilitando o triunfo das forças reativas.”⁴⁹

A decadência da sociedade moderna, seu niilismo, é resultado da dominação dos valores morais, os valores da decadência - é consequência da vitória da “revolta dos escravos na moral”. É só através de uma moral aristocrática que a espécie humana pode atingir seu mais alto grau de potência e esplendor. É aí que entra a defesa de Nietzsche por esse tipo de moral, daí sua posição imoral, amoral ou extramoral, que pretende desmascarar a moral para desmascarar o não-valor de todos os valores em que se acredita,⁵⁰ criticar a domesticação do homem realizada pela moral em nome de um conceito de cultura como adestramento e seleção.⁵¹

Nietzsche criticando radicalmente a transformação dos fortes em fracos, mostra que é necessário assumir uma perspectiva além de bem e mal, isto é, “além da moral”.⁵²

Na análise da *Genealogia da Moral* Nietzsche privilegia as forças, os instintos, a vontade de potência. Desta forma, a genealogia dos valores morais se realiza “tomando a vida como critério de avaliação”; é evidenciada a vida como vontade de potência.⁵³ Esta consideração, a vontade de potência como critério último de avaliação, nos permite definir a genealogia como uma “teoria da vontade de potência”. A genealogia é identificada à “psicologia”, a qual é considerada por Nietzsche, uma “teoria genealógica da vida como vontade de potência”.

Essa teoria “psicológica” tem como tese fundamental que “a vontade de potência não é unitária, é constituída de formas ou tipos diferentes”. A vontade de potência é considerada o “fato elementar”, fora do qual não existe nenhuma “força física, dinâmica ou psíquica: toda força motriz é vontade de potência. O homem quer sempre mais potência, a vida deseja fundamentalmente um máximo de

⁴⁹ Cf. GM, III, §1, §28; R. Machado, *op. cit.*, p. 76.

⁵⁰ Cf. *Ecce Homo* (EH), “Porque sou uma fatalidade”, §8.

⁵¹ R. Machado, *op. cit.*, p. 77.

⁵² Cf. BM, §23.

⁵³ Cf. GM, II, §12; Zarathustra (Z), II, “Do superar-se a si mesmo”.

potência, querer ser mais forte; não só conservar potência, mas também aumentar, acumular, expandir, intensificar. É o que podemos ver em vários textos, como por exemplo: todo corpo “...terá de ser a vontade de potência personificada, quererá crescer, expandir-se, atrair a si, obter preponderância, - não por qualquer moralidade ou imoralidade, mas porque *vive* e porque a vida é cabalmente vontade de poder.”⁵⁴

Outro fato que Nietzsche faz notar é que não só na força ativa, mas também na reativa existe vontade de potência. Nietzsche começa a terceira dissertação da *Genealogia da Moral* e a termina com a mesma afirmação acerca do “homem: “*ele precisa de um objetivo - e preferirá ainda querer o nada a nada querer*”⁵⁵ - a vontade de nada ainda é vontade de potência. Pois “muitas coisas o ser vivo avalia mais alto do que a própria vida; mas, mesmo nesta avaliação, o que fala é - a vontade de potência.”⁵⁶

Para Nietzsche, o ideal ascético não só exprime uma vontade, mas também uma astúcia da conservação da vida.⁵⁷ O ideal ascético é uma espécie de motivação que o fraco utiliza como meio de continuar vivendo.⁵⁸ A moral é uma astúcia da vontade de potência para conservar a vida decadente, sem intensidade. É o que Nietzsche chama de “vida de escravo”.

Feitas estas considerações podemos nos perguntar: “em que sentido pode haver incompatibilidade entre moral e vida se a vontade de moral é vontade de potência?” Isso é possível se concebermos que a vontade de moral é “vontade negativa de potência”. O problema da moral é o seguinte: privilegia apenas a conservação da vida (vontade de potência negativa), em detrimento das forças de auto-expansão da vida, que são as forças mais fundamentais (vontade de potência

⁵⁴ BM, §259, p. 197 [Ed. Guimarães]; Cf. Z, II, “Do superar-se a si mesmo”,

⁵⁵ Cf. GM, III, §1 e §28.

⁵⁶ Cf. Z, II, “Do superar-se a si mesmo”.

⁵⁷ Cf. GM, HI, §23, §13.

⁵⁸ Cf. GC, §349.

positiva). “... se a moral é um fenômeno contra natural é porque se insurge contra os instintos primordiais da vida, contra a vontade afirmativa de potência.”⁵⁹

A perspectiva da análise nietzscheana é extra-moral porque ela considera a moral tomando a vida como critério, a partir das forças vitais. A vida, ou a vontade de potência, é “imoral”. Nietzsche toma uma posição severa contra o ideal de moralidade que rege nossas sociedades: para ele o homem moral nem é melhor, nem bom - é apenas fraco, negativo, reativo.

Denominar o amansamento de animal sua “melhoria” é, a nossos ouvidos, quase uma piada. (...) Para falar fisiologicamente: no combate com a besta o tornar doente *pode* ser o único remédio para enfraquecê-la. Isso a Igreja entendeu: *corrompeu* o homem, enfraqueceu-o - mas teve a pretensão de tê-lo “melhorado”...⁶⁰

A moral é um instrumento para a conservação do fraco - por isso enfraquece a vida, transforma a força em fraqueza. Para Nietzsche, “todas as forças e todos os instintos que tornam possível a vida e o crescimento caem sob o *golpe da moral*: moral como instinto de negação da vida”, por isso “é preciso aniquilar a moral para libertar a vida”.⁶¹

Para afirmar os valores aristocráticos - afirmar e enobrecer a vida - é preciso se situar para além de bem e mal, se posicionar acima da ilusão do juízo moral.⁶² “Para que em geral moral, se vida, natureza, história são ‘imorais?’”⁶³

Nietzsche concebe que os moralistas não entenderam que

nossa inteligência, nossa vontade como nossas sensações dependem de nossos *juízos de valor*: estes respondem a nossos instintos e a suas condições de existência. Nossos instintos são redutíveis à *vontade de potência*. A vontade de potência é o fato último, o termo final a que podemos chegar.⁶⁴

⁵⁹ R. Machado, *op. cit.*, p. 82.

⁶⁰ CI, §2, pp. 335-336 [Os Pensadores]

⁶¹ *Frag. Post.*, final de 1886 - primavera de 1887, 7 [6] Apud R. Machado, *op. cit.*, pp.82-83.

⁶² Cf. CI, “Os melhoramentos da humanidade”, §1.

⁶³ GC, §344, p. 213 [Os Pensadores].

⁶⁴ *Frag. Post.*, agosto-setembro de 1885, 40 [61] Apud R. Machado, *op. cit.*, p. 100.

A análise genealógica desenvolvida por Nietzsche o faz concluir que os valores não têm um valor em si, mas supõem avaliações, das quais se originam e adquirem valores; estas, por sua vez, ao criá-los, supõem valores a partir dos quais avaliam. É o que podemos perceber, por exemplo, na análise que Nietzsche faz para estabelecer a origem dos conceitos bom/ruim e bom/mau.⁶⁵ Mas de que valores partem as avaliações ao colocarem valores?

Temos que não basta questionar a proveniência dos valores para fazer a crítica dos mesmos; é preciso proceder à sua avaliação. Acontece o seguinte: é preciso adotar um critério de avaliação que, por sua vez, não possa ser avaliado - evitando o círculo vicioso. Segundo Nietzsche, o único critério que não pode ser avaliado é a *vida*.⁶⁶

Concebida como vontade de potência, a vida constitui o único critério de avaliação que se impõem por si mesmo. É nessa perspectiva que se coloca a pergunta pelo valor dos valores; é nesses parâmetros que se pode avaliar a proveniência deles.⁶⁷

O projeto de transvaloração de todos os valores empreendido por Nietzsche significa a mudança do princípio de avaliação niilista - que cria valores morais e é representado pela vontade negativa de potência - para a vontade afirmativa de potência, da superabundância de vida sobre os valores dominantes do niilismo. Esta oposição é representada nesse texto de *O Anticristo*:

Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é pernicioso. (...) A vida mesma vale para mim como instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de potência: onde falta vontade de potência, há declínio. Minha afirmação é que a todos os valores mais altos da humanidade falta essa vontade...⁶⁸

⁶⁵ Cf. GM, 1, 810.

⁶⁶ Diz Nietzsche no CI: “juízos, juízos de valor sobre a vida, pró ou contra, nunca podem, em definitivo, ser verdadeiros: só têm valor como sintomas, só como sintomas entram em consideração... o valor da vida não pode ser avaliado.” (*O Crepúsculo dos Ídolos* (CI), “O problema de Sócrates”, 82 [Os pensadores]).

⁶⁷ S. Marton, *op. cit.*, p. 87.

⁶⁸ *O Anticristo* (AT), §6, p. 348 [Os Pensadores]

Esta questão dos valores, os quais têm sua base na vontade de potência, é aprofundada a partir de uma “fisiologia da potência”, que tem como objeto principal os instintos, os impulsos, as pulsões, as impulsões.

Fundamentalmente, o instinto é força, vontade, potência... Mas o instinto isolado não existe; o que há são instintos múltiplos e heterogêneos, os quais formam um conjunto de forças onde uma está em relação com outra, se exerce sempre sobre outra; “uma relação que se dá em termos de luta, de imposição, de domínio”.⁶⁹ Aliás, o traço fundamental da vida é a *luta*.

Com Nietzsche, o conceito de força passa a ser entendido com permanente relações de forças. E é sob este aspecto que a força é denominada uma vontade. Ao conceber a vontade (vontade de potência) como elemento diferencial da força, Nietzsche chega a uma nova concepção da filosofia da vontade. Ela não se exerce sobre músculos ou nervos, nem sobre a matéria em geral⁷⁰, mas sim necessariamente sobre outra vontade. “O verdadeiro problema não está na relação do querer com o involuntário e sim na relação de uma vontade que comanda com uma vontade que obedece, e que obedece mais ou menos.”⁷¹

Toda força se relacionar com outra, seja para comandar ou para obedecer; esta diferença é a *hierarquia*. A hierarquia é fundamental para a genealogia, pois é ela quem assinala a diferença entre as forças na origem. Através destas considerações, pode-se concluir que “o sentido de alguma coisa é a relação desta coisa com a força que se apodera dela, o valor de alguma coisa é a hierarquia das forças que se exprimem na coisa enquanto fenômeno complexo.”⁷²

Nietzsche estabelece uma diferença entre os instintos: os instintos fundamentais estabelecem uma vida afirmativa; os instintos secundários, uma vida negativa. Neste segundo caso não há um sistema que coordene a multiplicidade dos instintos, produzindo-se a “vontade-fracá”. A coordenação dos instintos sob a predominância de um deles produz a “vontade-forte”, onde existe a precisão, clareza

⁶⁹ Cf. R. Machado, *op. cit.*, p. 03; S. Marton, *op. cit.*, p. 32; BM, 259.

⁷⁰ É preciso considerar que a vontade de potência se exerce tanto sobre a matéria orgânica quanto sobre a inorgânica.

⁷¹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, s/d. p. 6.

⁷² G. Deleuze, *op. cit.*, p. 6.

de direção. Não é a razão que controla os instintos; “o domínio dos instintos se dá no nível dos próprios instintos; são eles que exercem sobre o conjunto uma ação reguladora.”⁷³

A “fisiologia” de Nietzsche é uma contrapartida às definições do homem pela consciência, ou pela racionalidade; sua reflexão é motivada por uma crítica ao primado ou à superestima da consciência. Nietzsche valoriza os instintos:

A consciência não é o grau superior da evolução orgânica, não é o critério, o valor nem o objetivo supremo da vida; é um órgão, “como o estômago”.

⁷³ R. Machado, *op. cit.*, p. 104.